

1. Espcex (Aman) 2011

TEXT O PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O Outro Marido

¹⁴Era conferente da Alfândega - mas isso não tem importância. Somos todos alguma coisa fora de nós; o eu irreduzível nada tem a ver com as classificações profissionais. Pouco importa que nos avaliemos pela casca. ⁹Por dentro, sentia-se diferente, capaz de mudar sempre, enquanto a situação exterior e familiar não mudava. Nisso está o espinho do homem: ele muda, os outros não percebem. Sua mulher não tinha percebido. Era a mesma de há 23 anos, quando se casaram (quanto ao íntimo, é claro). ³Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto um do outro, sem derivativo. Tão perto que se desconheciam mutuamente, como um objeto desconhece outro, na mesma prateleira de armário. ¹⁰Santos doía-se de ser um objeto aos olhos de Dona Laurinha. Se ela também era um objeto aos olhos dele? Sim, mas com a diferença de que Dona Laurinha não procurava fugir a essa simplificação, nem reparava; era de fato, objeto. Ele, Santos, sentia-se vivo e desagradado.

¹Ao aparecerem nele as primeiras dores, Dona Laurinha penalizou-se, mas esse interesse não beneficiou as relações do casal. Santos parecia ⁶comprazer-se em estar doente. ¹¹Não propriamente em queixar-se, mas em alegar que ia mal. A doença era para ele ocupação, emprego suplementar. O médico da Alfândega dissera-lhe que certas formas reumáticas levam anos para ser dominadas, exigem adaptação e disciplina. Santos começou a cuidar do corpo como de uma planta delicada. E mostrou a Dona Laurinha a nevoenta radiografia da coluna vertebral com certo orgulho de estar assim tão afetado.

- Quando você ficar bom...

- Não vou ficar. Tenho doença para o resto da vida.

Para Dona Laurinha, a melhor maneira de curar-se é tomar remédio e entregar o caso à alma de Padre Eustáquio, que vela por nós.

²Começou a fatigar-se com a importância que o reumatismo assumira na vida do marido. E não se amolou muito ¹²quando ele anunciou que ia intemar-se no hospital Gaffré e Guinle.

- Você não sentirá falta de nada - assegurou-lhe Santos. - Tirei licença com ordenado integral. Eu mesmo virei aqui todo começo de mês trazer o dinheiro. Hospital não é prisão.

- Vou visitar você todo domingo, quer?

- É melhor não ir. Eu descanso, você descansa, cada qual no seu canto.

Ela também achou melhor, e nunca foi lá. Pontualmente, Santos trazia-lhe o dinheiro da despesa, ficaram até um pouco amigos nessa breve conversa a longos intervalos. ⁴Ele chegava e saía curvado, sob a garra do reumatismo que nem melhorava nem matava. A visita não era de todo desagradável, desde que a doença deixara de ser assunto. Ela notou como a vida de hospital pode ser distraída: os internados sabem de tudo cá de fora.

- Pelo rádio - explicou Santos.

Um dia, ela se sentiu tão nova, apesar do tempo e das separações fundamentais, que imaginou uma alteração: por que ele não ficava até o dia seguinte, só essa vez?

- ⁵É tarde - respondeu Santos. E ela não entendeu se ele se referia à hora ou a toda a vida passada sem compreensão. É certo que vagamente o compreendia agora, e recebia dele mais que a mesada: uma hora de companhia por mês.

Santos veio um ano, dois, cinco. Certo dia não veio. ¹³Dona Laurinha preocupou-se. Não só lhe faziam falta os cruzeiros; ele também fazia. Tomou o ônibus, foi ao hospital pela primeira vez, em alvoroço. Lá ele não era conhecido. Na Alfândega informaram-lhe que Santos falecera havia quinze dias, a senhora quer o endereço da viúva?

- Sou eu a viúva - disse Dona Laurinha, espantada.

O informante olhou-a com incredulidade. Conhecia muito bem a viúva do Santos, Dona Crisália, fizera bons piqueniques com o casal na Ilha do Governador. Santos fora seu parceiro de bilhar e de pescaria. Grande praça. Ele era padrinho do filho mais velho de Santos. Deixara três órfãos, coitado.

E tirou da carteira uma foto, um grupo de praia. Lá estavam Santos, muito lépido, sorrindo, a outra mulher, os três garotos. Não havia dúvida: era ele mesmo, seu marido. Contudo, ⁷a outra realidade de Santos era tão destacada da sua, que o tornava outro homem, completamente desconhecido, irreconhecível.

- Desculpe, foi engano. ⁸A pessoa a que me refiro não é esta - disse Dona Laurinha, despedindo-se.

(Carlos Drummond de Andrade)

No trecho, "Por falta de filhos, os dois viveram demasiado perto, sem derivativo" (ref.3), o termo sublinhado pode ser classificado morfológicamente como:

a. substantivo.

b. adjetivo.

- c. advérbio.
- d. verbo.
- e. conjunção.

2. G1 - CPS 2007

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:
FAÇAMOS AS PAZES COM A TERRA (fragmento)

"O chamado que nos é feito hoje para pormos fim à guerra contra a natureza é por uma solidariedade sem precedentes com as gerações futuras. Será que, para chegar a isso, a humanidade precisará selar um novo pacto, um "contrato natural" de co-desenvolvimento com o planeta, assinando um armistício com a natureza?

Precisamos da sabedoria necessária para defender uma ética para o futuro, pois, se quisermos fazer as pazes com a Terra, essa ética terá que prevalecer. Este planeta é o nosso reflexo: se ele está ferido, nós estamos feridos; se ele está mutilado, a humanidade também está"

(MATSUURA, Koichiro. Façamos as pazes com a Terra. In: Folha de S. Paulo, 4 de jul. 2007.)

MÃOS DADAS

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é TÃO grande, NÃO nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei PARA AS ILHAS nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.
(DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. "Mãos dadas". In: Sentimento do Mundo. Record.)

No poema "Mãos dadas", os termos destacados apresentam, respectivamente, as circunstâncias adverbiais de:

- a. afirmação, negação e modo.
- b. afirmação, intensidade e lugar.
- c. intensidade, tempo e modo.
- d. intensidade, negação e lugar.
- e. intensidade, negação e modo.

3. PUC-CAMP 1995

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A questão da descriminalização das drogas se presta a frequentes simplificações de carácter maniqueísta, que acabam por estreitar um problema extremamente complexo, permanecendo a discussão quase sempre em torno da droga que está mais em evidência. Vários aspectos relacionados ao problema (abuso das chamadas drogas lícitas, como medicamentos, inalação de solventes, etc.) ou não são discutidos, ou não merecem a devida atenção. A sociedade parece ser pouco sensível, por exemplo, aos problemas do alcoolismo, que representa a primeira causa de internação da população adulta masculina em hospitais psiquiátricos. Recente estudo

epidemiológico realizado em São Paulo apontou que 8% a 10% da população adulta apresentavam problemas de abuso ou dependência de álcool. Por outro lado, a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, heroína, etc.

Dois grupos mantêm acalorada discussão. O primeiro acredita que somente penalizando traficantes e usuários pode-se controlar o problema, atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

Essa corrente atingiu o seu maior momento logo após o movimento militar de 1964. Seus representantes acreditam, por exemplo, que "no fim da linha" usuários fazem sempre um pequeno comércio, o que, no fundo, os igualaria aos traficantes, dificultando o papel da Justiça. Como solução, apontam, com frequência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos a serem desenvolvidos em fazendas de recuperação, transformando o tratamento em um programa agrário.

Na outra ponta, um grupo "neoliberal" busca uma solução nas regras do mercado. Seus integrantes acreditam que, liberando e taxando essas drogas através de impostos, poderiam neutralizar seu comércio, seu uso e seu abuso. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

Como uma terceira opção, pode-se olhar a questão considerando diversos ângulos. O usuário eventual não necessita de tratamento, deve ser apenas alertado para os riscos. O dependente deve ser tratado, e, para isso, a descriminalização do usuário é fundamental, pois facilitaria muito seu pedido de ajuda. O traficante e o produtor devem ser penalizados. Quanto ao argumento de que usuários vendem parte do produto: é fruto de desconhecimento de como se dão as relações e as trocas entre eles.

Duplamente penalizados, pela doença (dependência) e pela lei, os usuários aguardam melhores projetos, que cuidem não só dos aspectos legais, mas também dos aspectos de saúde que são inerentes ao problema.

(Adaptado de Marcos P. T. Ferraz, *Folha de São Paulo*)

A alternativa em que o advérbio exprime ideia de INTENSIDADE é:

- a. a sociedade parece ser pouco sensível.
- b. usuários fazem sempre um pequeno comércio.
- c. ... atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.
- d. ... somente penalizando traficantes e usuários.
- e. ... duplamente penalizados.

4. FGV 2005

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Os tiranos e os autocratas sempre compreenderam que a capacidade de ler, o conhecimento, os livros e os jornais são potencialmente perigosos. Podem insuflar ideias independentes e até rebeldes nas cabeças de seus súditos. O governador real britânico da colônia de Virgínia escreveu em 1671:

Graças a Deus não há escolas, nem imprensa livre; e espero que não [as] tenhamos nestes [próximos] cem anos; pois o conhecimento introduziu no mundo a desobediência, a heresia e as seitas, e a imprensa divulgou-as e publicou os libelos contra os melhores governos. Que Deus nos guarde de ambos!

Mas os colonizadores norte-americanos, compreendendo em que consiste a liberdade, não pensavam assim. Em seus primeiros anos, os Estados Unidos se vangloriavam de ter um dos índices mais elevados - talvez o mais elevado - de cidadãos alfabetizados no mundo.

Atualmente, os Estados Unidos não são o líder mundial em alfabetização. Muitos dos que são alfabetizados não conseguem ler, nem compreender material muito simples - muito menos um livro da sexta série, um manual de instruções, um horário de ônibus, o documento de uma hipoteca ou um programa eleitoral.

As rodas dentadas da pobreza, ignorância, falta de esperança e baixa auto-estima se engrenam para criar um tipo de máquina do fracasso perpétuo que esmigalha os sonhos de geração a geração. Nós todos pagamos o preço de mantê-la funcionando. O analfabetismo é a sua cavilha.

Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais - o custo de despesas médicas e hospitalização, o custo de crimes e prisões, o custo de programas de educação especial, o custo da produtividade perdida e de inteligências potencialmente brilhantes que poderiam ajudar a solucionar os dilemas que nos perseguem.

Frederick Douglass ensinou que a alfabetização é o caminho da escravidão para a liberdade. Há muitos tipos de escravidão e

muitos tipos de liberdade. Mas saber ler ainda é o caminho.

(Carl Sagan, O caminho para a liberdade. Em O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Adaptado)

Considere o trecho citado a seguir, do governador real britânico: "Ainda que endureçamos os nossos corações diante da vergonha e da desgraça experimentadas pelas vítimas, o ônus do analfabetismo é muito alto para todos os demais."

A locução "ainda que" e o advérbio "muito" estabelecem, nesse enunciado, relações de sentido, respectivamente, de

- a. restrição e quantidade.
- b. causa e modo.
- c. tempo e meio.
- d. concessão e intensidade.
- e. condição e especificação.

5. UFRGS 2001

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

1Até algum tempo atrás, imaginava-se que um cérebro jovem, em sua plena vitalidade biológica, 2fosse muito mais poderoso e criativo do que um outro já maduro e desgastado pela idade. A matemática fornecia o maior dos 3argumentos para os defensores dessa teoria: quase todas as grandes equações matemáticas foram propostas ou decifradas por gente com menos de 30 anos. Albert Einstein tinha apenas 26 anos 4quando apresentou sua Teoria Geral da Relatividade - a mais revolucionária de todas as elaborações matemáticas, que lhe valeu o Prêmio Nobel de Física, quinze anos 5depois.

O argumento é forte, porém ele se baseia numa ideia ultrapassada

1 respeito da mente humana. As novas 6descobertas estão mostrando que a inteligência não se limita 2 capacidade de raciocínio lógico, necessária para propor ou resolver uma 7complicada equação matemática. Os testes de QI, um dos antigos parâmetros usados para medir a inteligência, já não servem 8mais para avaliar a capacidade cerebral de uma pessoa.

A inteligência é muito mais que 9isso. 10É uma soma inacreditável de fatores, que inclui1até os emocionais. Uma pessoa excessivamente tímida ou muito agressiva terá problemas para conseguir um bom emprego, 3 na profissão ou ter bom

relacionamento familiar, por maior que seja seu QI. O que os novos estudos estão mostrando 12no momento é que 12um cérebro jovem 13tende, sim, a ser mais 14inovador e 15revolucionário. Mas, como um bom vinho ou uma boa ideia, 16ele também 17pode 18amadurecer e melhorar com o tempo. Basta 19ser estimulado.

(Adaptado de: GUARACY, Thales; RAMALHO, Cristina. Veja, 19 de agosto de 1998.)

No texto, o advérbio "mais" (ref. 8) deixa pressuposta a ideia de que:

- a. os testes de QI serviram, no passado, para medir a inteligência.
- b. hoje os testes de QI são melhores do que no passado para avaliar a inteligência.
- c. os testes de QI nunca serviram para medir a inteligência.
- d. no passado, além dos testes de QI, outros parâmetros serviram para medir a inteligência.
- e. hoje os testes de QI não são melhores do que no passado para avaliar a inteligência.

6. PUCCAMP 1995

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A questão da descriminalização das drogas se presta a frequentes simplificações de caráter maniqueísta, que acabam por estreitar um problema extremamente complexo, permanecendo a discussão quase sempre em torno da droga que esta mais em evidência.

Vários aspectos relacionados ao problema (abuso das chamadas drogas lícitas, como medicamentos, inalação de solventes, etc.) ou não são discutidos, ou não merecem a devida atenção. A sociedade parece ser pouco sensível, por exemplo, aos problemas do alcoolismo, que representa a primeira causa de internação da população adulta masculina em hospitais psiquiátricos. Recente estudo epidemiológico realizado em São Paulo apontou que 8% a 10% da população adulta apresentavam problemas de abuso ou dependência de álcool. Por outro lado, a comunidade mostra-se extremamente sensível ao uso e abuso de drogas ilícitas, como maconha, cocaína, heroína, etc.

Dois grupos mantêm acalorada discussão. O primeiro acredita que somente penalizando traficantes e usuários pode-se controlar o problema, atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.

Essa corrente atingiu o seu maior momento logo após o movimento militar de 1964. Seus representantes acreditam, por exemplo, que 'no fim da linha' usuários fazem sempre um pequeno comércio, o que, no fundo, os igualaria aos traficantes, dificultando o papel da Justiça. Como solução, apontam, com frequência, para os reconhecidamente muito dependentes, programas extensos a serem desenvolvidos em fazendas de recuperação, transformando o tratamento em um programa agrário.

Na outra ponta, um grupo 'neoliberal' busca uma solução nas regras do mercado. Seus integrantes acreditam que, liberando e taxando essas drogas através de impostos, poderiam neutralizar seu comércio, seu uso e seu abuso. As experiências dessa natureza em curso em outros países não apresentam resultados animadores.

Como uma terceira opção, pode-se olhar a questão considerando diversos ângulos. O usuário eventual não necessita de tratamento, deve ser apenas alertado para os riscos. O dependente deve ser tratado, e, para isso, a descriminalização do usuário é fundamental, pois facilitaria muito seu pedido de ajuda. O traficante e o produtor devem ser penalizados. Quanto ao argumento de que usuários vendem parte do produto: é fruto de desconhecimento de como se dão as relações e as trocas entre eles.

Duplamente penalizados, pela doença (dependência) e pela lei, os usuários aguardam melhores projetos, que cuidem não só dos aspectos legais, mas também dos aspectos de saúde que são inerentes ao problema.

(Adaptado de Marcos P. T. Ferraz, Folha de São Paulo)

A alternativa em que o advérbio exprime ideia de INTENSIDADE é:

- a. a sociedade parece ser pouco sensível.
- b. usuários fazem sempre um pequeno comércio.
- c. atitude essa centrada, evidentemente, em aspectos repressivos.
- d. somente penalizando traficantes e usuários.
- e. duplamente penalizados.

7. FUVEST 1992

Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem o sufixo formador de advérbio:

- a. desesperança;
- b. pessimismo;
- c. empobrecimento;
- d. extremamente;
- e. sociedade.

8. UNESP 2015

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir abordam um texto de um site especializado em esportes com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1 500 metros.

Corrida – Prova 1500 metros rasos

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de um *sprint* nos 200 metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa descontração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

<http://treino-de-corrída.f1cf.com.br>

Observando as seguintes passagens do texto apresentado, marque a alternativa em que as duas palavras em negrito são utilizadas como advérbios:

- a. “**não** correr o risco **de** ser surpreendido”.
- b. “finge possuir **energias** que **realmente** não tem”.
- c. “deve-se fazê-lo **decidida** e **folgadoamente**”.
- d. “**nunca** levar a cabeça **para** trás”.
- e. “forte no **restante** da prova, **sempre** procurando dosar”.

9. ITA 2004

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO 1

Valorizar o professor do ciclo básico

Como não sou perito em futurologia, devo limitar-me a fazer um exercício de observação. Presto atenção ao que se passa na escola hoje e suponho que, daqui a 25 anos, as tendências atuais persistirão com maior ou menor intensidade. Provavelmente, o analfabetismo dos adultos terá sido erradicado e o acesso à instrução primária terá sido generalizado.

Tudo indica que a demanda continuará a crescer em relação ao ensino secundário e superior. Se os poderes públicos não investirem sistematicamente na expansão desses dois níveis, a escola média e a universidade serão, em grande parte, privatizadas.

A educação a distância será promovida tanto pelo Estado como pelas instituições particulares. Essa alteração no uso de espaços escolares tradicionais levará a resultados contraditórios. De um lado, aumentará o número de informações e instrumentos didáticos de alta precisão. De outro lado, a elaboração pessoal dos dados e a sua crítica poderão sofrer com a falta de um diálogo sustentado face a face entre o professor e o aluno.

É preciso pensar, desde já, nesse desafio que significa aliar eficiência técnica e profundidade ou densidade cultural.

O risco das avaliações sumárias, por meio de testes, crescerá, pois os processos informáticos visam a poupar tempo e reduzir os campos de ambiguidade e incerteza. Com isso, ficaria ainda mais raro o saber que duvida e interroga, esperando com paciência, até vislumbrar uma razão que não se esgote no simplismo do certo versus errado. Poderemos ter especialistas cada vez mais peritos nas suas áreas e massas cada vez mais incapazes de entender o mundo que as rodeia. De todo modo, o futuro depende, em larga escala, do que pensamos e fazemos no presente.

Uma coisa me parece certa: o professor do ciclo básico deve ser valorizado em termos de preparação e salário, caso contrário, os

mais belos planos ruirão como castelos de cartas.

(BOSI, Alfredo. Caderno Sinapse. *Folha de S. Paulo*, 29/07/2003.)

TEXTO 2

Diretrizes de salvação para a Universidade Pública

"... poder-se-ia alegar que não é muito bom o ensino das matérias que se costuma lecionar nas universidades. Todavia, não fossem essas instituições, tais matérias geralmente não teriam sido sequer ensinadas, e tanto o indivíduo como a sociedade sofreriam muito com a falta delas..."

Adam Smith

(...) A grande característica distintiva de uma Universidade pública reside na sua qualidade geradora de bens públicos. Estes, por definição, são bens cujo usufruto é necessariamente coletivo e não podem ser apropriados exclusivamente por ninguém em particular.

Quanto ao grau de abrangência, os bens públicos podem ser classificados em locais, nacionais ou universais.

O corpo de bombeiros de uma cidade, por exemplo, é um bem público local, o serviço da guarda costeira de um país é um bem público nacional, ao passo que a proteção de áreas ambientais importantes do planeta, como a Amazônia, deve ser vista como bem público universal, assim como qualquer outra atividade protetora de patrimônios da humanidade ou de segurança global, como é o caso da proteção contra vírus de computador, para citar um exemplo mais atual, embora ainda não plenamente reconhecido.

Incluem-se no elenco dos bens públicos as atividades relacionadas à produção e transmissão da cultura, ao pensamento filosófico e às investigações científicas não alinhadas com qualquer interesse econômico mais imediato.

A Universidade surgiu na civilização porque havia uma necessidade latente desses bens e legitimou-se pelo reconhecimento de sua importância para a humanidade.

Portanto, ela nasceu e legitimou-se como instituição social pública e não como negócio privado, como muitos agora a querem transformar, inclusive a OMC, contradizendo o próprio Adam Smith, o patriarca da economia de mercado, como bem o indica a passagem acima epigrafada, retirada de "A Riqueza das Nações".

As tecnologias podem ser "engenheiradas", transformando-se em produtos de mercado, mas o conhecimento que as originou é uma conquista da humanidade e, portanto, um bem público universal, como é o caso, por exemplo, das atividades do Instituto Politécnico de Zurique, de onde saiu Albert Einstein, e do laboratório Cavendish da Universidade de Cambridge, onde se realizaram os experimentos que levaram a descobertas fundamentais da física, sem as quais não teriam sido possíveis as maravilhas tecnológicas do mundo moderno, da lâmpada elétrica à internet. (...)

(SILVA, José M. A. *Jornal da Ciência*, 22/07/2003. Extraído de: <http://www.jornaldaciencia.org.br>, 15/07/2003.)

A única opção em que o advérbio em destaque indica o ponto de vista do autor é

- a. **PROVAVELMENTE**, o analfabetismo dos adultos terá sido erradicado (...) (Texto 1).
- b. Se os poderes públicos não investirem **SISTEMATICAMENTE** na expansão desses dois níveis, (...) (Texto 1).
- c. Estes, por definição, são bens cujo usufruto é **NECESSARIAMENTE** coletivo (...) (Texto 2).
- d. (...) e não podem ser apropriados **EXCLUSIVAMENTE** por ninguém (...) (Texto 2).
- e. (...) como é o caso da proteção contra vírus de computador, para citar um exemplo atual, embora ainda não **PLENAMENTE** reconhecido. (Texto 2).

10. PUCSP 2006

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto 1 - Poemeu
(Millôr Fernandes)

Pedem-me um Não,
Digo "Pois sim!",
Exigem um Sim,
Digo "Pois não!".
E, entre o Sim e o Não,
O Pois Sim e o Pois não,
Eu me mantenho
Na contramão.
Veja. São Paulo. 26 out. 2005. p. 29

Texto 2 - Depois de brincar de referendo...
É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policiais corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. E frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O MESMO vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir ater o MESMO destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do MESMO tamanho.

Shelp, Diogo. Veja. São Paulo. 26 out. 2005. p. 62

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

- a. "[...] basta uma torcida MUITO forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade"
- b. "INFELIZMENTE a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social"
- c. "o governo deveria ter optado por agir SILENCIOSA E DRASTICAMENTE dentro das organizações policiais"
- d. "A apreensão NÃO é reportada ao comando policial [...]"
- e. "DEPOIS raspam sua numeração e a vendem"

11. PUC-CAMP 1997

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Tribalização

O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo já foi o espelho sombrio e espoliado dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua sujeito a um processo que, no limite, resume-se a uma implosão civilizatória.

Se os tempos são de globalização, o espelho de horrores africano coloca-nos diante da antítese mais extrema, a da tribalização. Chegam-se ao fim do século 20 com o mais velho continente mergulhado em conflitos étnicos, miséria, endemias e estagnação econômica.

A situação tornou-se agora extremamente grave, e entre Zaire e Ruanda parece inevitável uma guerra aberta. Tudo sob o olhar distante e pouco interessado das grandes potências ocidentais. A própria ONU admite não ter acesso a 600 mil refugiados hutus no leste do Zaire e pediu fotos de satélite para identificar onde eles estariam. Segundo a comissária da União Europeia, 1 milhão de pessoas podem morrer. Seria patético, se não fosse absolutamente trágico.

A responsabilidade do Ocidente é inegável. Basta lembrar o antigo nome do Zaire, Congo Belga, para tomar consciência do passado colonialista que em muitos casos criou divisões geopolíticas e unidades de governo pouco ou nada coerentes com tradições tribais, étnicas ou mesmo territoriais.

Infelizmente, uma parte relativamente grande da mídia e dos governantes dos países "civilizados" retrata os conflitos como puramente tribais, como se o genocídio africano não tivesse começado faz alguns séculos, sob o comando de potências colonialistas. Mais, parece evidente que a "tribalização", ou seja, a predominância de fatores locais, étnicos e de disputa territorial, nada mais é que o resultado de uma situação de estagnação e fome epidêmica em que boa parte do continente continua mergulhada em decorrência de seus sistemas econômicos, totalmente marginalizados da globalização.

Lamentavelmente, a dívida em vidas, riqueza e cultura do Ocidente com a África tende apenas a crescer.

(Adaptado da *Folha de São Paulo*, 31/10/96, 1-2.)

O continente africano, que tantas vezes e por tanto tempo JÁ foi o espelho sombrio e espoliado dos progressos da civilização ocidental, infelizmente continua sujeito a um processo que, no limite, resume-se a uma implosão civilizatória.

O advérbio em destaque exprime ideia de

- a. modo.
- b. dúvida.
- c. intensidade.
- d. tempo.
- e. afirmação.

12. UFC 2006

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto 1

Padre Anselmo olhou 5 com tristeza as mulheres ajoelhadas à sua frente. 2 Ia começar a missa e 1 sentia-se 6extremamente cansado. Onde aquela piedade com que 3 celebrava nos seus tempos 7 de jovem sacerdote, preocupado com a salvação das almas? As coisas 4 haviam mudado. Discutiam-se os novos ritos, as novas fórmulas. (...) Sentia-se tímido, vencido, olhando para os fiéis, pronunciando palavras na língua que falava em casa, 8 na rua. A mesma língua dos bêbedos, dos vagabundos, das meretrizes. De todos. Benzeu-se 9 instintivamente:

- Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.

BEZERRA, João Clímaco. A vinha dos esquecidos. Fortaleza: UFC, 2005. p.32-33.

Texto 2

11 Dissertar sobre uma literatura estrangeira supõe, entre muitas, o conhecimento de duas coisas primordiais: ideias gerais sobre literatura e compreensão fácil do idioma desse povo estrangeiro. 10 Eu cheguei a entender perfeitamente a língua da Bruzundanga, isto é, a língua falada pela gente instruída e a escrita por muitos escritores que julguei excelentes; mas aquela em que escreviam os literatos importantes, solenes, respeitados, nunca consegui entender, porque redigem eles as suas obras, ou antes, os seus livros, em outra muito diferente da usual, outra essa que consideram como sendo a verdadeira, a lídima, justificando isso por ter feição

antiga de dois séculos ou três. Quanto mais incompreensível é ela, mais admirado é o escritor que a escreve, por todos que não lhe entenderam o escrito.

BARRETO, Lima. Os Bruzundangas. Fortaleza: UFC, 2004. p.7.

No texto 1, o advérbio ou a locução adverbial que modifica um adjetivo é:

- a. com tristeza (ref. 5)
- b. extremamente (ref. 6)
- c. de jovem sacerdote (ref. 7)
- d. na rua (ref. 8)
- e. instintivamente (ref.9)

13. UFPR 2006

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO: PASSO NO RUMO CERTO

Na semana passada, a claque convocada para a inauguração de um aeroporto na cidade mineira de Uberlândia ouviu de Lula a seguinte frase: "Quero dizer que a crise é extremamente grave. Em horas de crise é preciso ter muita paciência para não tomar decisão precipitada, não se deixar levar pelo estado emocional, mas, sim, pela razão". Embora o presidente já tenha se manifestado a respeito da difícil situação política em diversas ocasiões (não raro para negar a sua realidade, como se tudo não passasse de uma alucinação coletiva promovida por prestidigitadores da elite, mas deixemos isso de lado), foi a primeira vez que ele uniu a palavra "crise" um advérbio de intensidade, "extremamente", e um adjetivo grandiloquente, "grave". O encadeamento de tais termos permite supor que Lula finalmente (no que pode ser considerado um advérbio de alívio) reconheceu a existência da fissura ética, política e criminosa que há mais de 100 dias se aprofunda mais e mais, levando o governo de cambulhada.

Nessa hipótese, e não se quer aqui evocar o doutor Pangloss, aquele personagem de Voltaire para quem todos vivíamos no melhor dos mundos, é uma ótima notícia o presidente ter admitido que o horizonte anda carregado. Pelo simples motivo de que, para sanar um problema, qualquer que seja ele, é preciso antes de mais nada reconhecer sua existência. Caberia agora a Lula contribuir para que a resolução da crise seja efetiva, não deixando margem à impressão olfativa de que tudo terminará em pizza. O presidente volta e meia afirma que não tem como interferir no andamento das investigações e das punições. Não é verdade. Pelo peso de seu cargo, e sem extrapolar suas atribuições constitucionais, Lula pode, sim, proceder a que corrompidos e corrompedores, no Legislativo e no Executivo, sintam na carne e na biografia que não sairão impunes dos crimes de desvio de dinheiro público, formação de quadrilha e tráfico de influência. Ao empenhar-se com afinco nesse objetivo, movido pela razão e sem emocionalismos, o presidente prestaria ao mesmo tempo um grande serviço ao Brasil e a si próprio. (VEJA, Editorial, 07 jul. 2005.)

Ao fazer menção a um "advérbio de alívio", o autor cria uma classificação de advérbio inexistente na gramática tradicional para um advérbio que representa uma avaliação ou atitude do emissor do texto, no caso uma atitude de alívio. Qual dos advérbios a seguir, em vez de modificar algum termo da oração, denota uma avaliação ou atitude do emissor?

- a. Além de provocar uma fissura ética, a crise comprometerá gravemente a imagem do governo.
- b. As atitudes presidenciais devem ser enérgicas para que a crise seja cuidadosamente resolvida.
- c. A fala do presidente mostra que ele agiu precipitadamente e se deixou dominar pela emoção.
- d. O presidente se demorou, infelizmente, a reconhecer a existência da crise.
- e. A crise política provém do fato de alguns políticos terem agido criminosamente.

14. UNISINOS 2012

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O som da época

Luís Fernando Veríssimo

²¹Desconfio de que ainda nos lembraremos ²destes anos como ⁵a época em que vivemos com o acompanhamento dos alarmes de carro. Os alarmes de carro são a trilha sonora do nosso tempo⁸: o som da paranoia justificada.

O alarme é o grito da nossa propriedade de que alguém está querendo tirá-la de nós. É o som ¹⁵mais desesperado que um ser humano pode produzir – a palavra “socorro!” –, mecanizado, padronizado e a todo volume. É ¹⁰“socorro!” acrescentado ao vocabulário das coisas, como a buzina, a campainha, a música de elevador, o ¹¹“ping” que ²²avisa que o assado está pronto e todos os “pings” do computador. Também é um som típico porque tenta compensar a carência mais típica ³da época⁹, a de segurança. ⁷Os carros pedem socorro porque a sua defesa natural ¹²– polícia por perto, boas fechaduras ou respeito de todo o mundo pelo que é dos outros – não funciona ¹⁶mais. ¹⁷Só ⁶lhes resta gritar.

Também é o som da época porque é o som da intimidação. Sua função principal é espantar e substituir todas as outras formas de dissuasão pelo simples terror do barulho. O som da época em que ¹os decibéis substituíram a razão.

Como os ouvidos são¹³, de todos os canais dos sentidos, os mais difíceis de proteger, foram os escolhidos pela insensibilidade moderna para atacar nosso cérebro e apressar nossa imbecilização. Pois são tempos literalmente do barulho.

O alarme contra roubo de carro também é próprio da época porque, ¹⁸frequentemente, não funciona. ¹⁴Ou funciona quando não deve. ²³Ouvem-se tantos alarmes a qualquer hora do dia ou da noite porque, ¹⁹talvez influenciados pela paranoia generalizada, eles disparam sozinhos. ²⁴Basta alguém se aproximar do carro com uma cara suspeita e eles começam a berrar.

²⁰Decididamente, o som ⁴do nosso tempo.

VERISSIMO, Luís Fernando. O som da época. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 29 set. 2011.

Assinale a única alternativa correta em relação ao emprego de advérbios no texto.

- a. O advérbio “mais” (ref. 15 e 16) expressa a mesma circunstância nas duas ocorrências no texto.
- b. Com o emprego do advérbio “Só” (ref. 17), o autor manifesta o sentido de insuficiência, isto é, o ato de gritar é considerado o mínimo que alguém pode fazer diante da violação de seu patrimônio.
- c. O advérbio de tempo “frequentemente” (ref. 18), embora seja sintaticamente acessório, desempenha um papel importante no texto, porque relativiza a afirmação de que o alarme contra roubo de carro não funciona.
- d. O advérbio “talvez” (ref. 19), por meio do qual o autor faz uma afirmação não categórica, poderia ser posicionado no final da frase em que se encontra, sem acarretar mudança de sentido.
- e. O advérbio “Decididamente” (ref. 20), que poderia ser substituído por “De fato” ou “Definitivamente”, exprime um menor grau de certeza.

15. G1 - IFSP 2013

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Buscando a excelência

Lya Luft

Estamos carentes de excelência. A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente. Autoridades, altos cargos, líderes, em boa parte desinformados, desinteressados, incultos, lamentáveis. Alunos que saem do ensino médio semianalfabetos e assim entram nas universidades, que aos poucos - refiro-me às públicas - vão se tornando reduto de pobreza intelectual.

As infelizes cotas, contras as quais tenho escrito e às quais me oponho desde sempre, servem magniticamente para alcançarmos este objetivo: a mediocrização também do ensino superior. Alunos que não conseguem raciocinar porque não lhes foi ensinado, numa educação de brincadeira. E, porque não sabem ler nem escrever direito e com naturalidade, não conseguem expor em letra ou fala seu pensamento truncado e pobre. [...] E as cotas roubam a dignidade daqueles que deveriam ter acesso ao ensino superior por mérito [...] Meu conceito serve para cotas raciais também: não é pela raça ou cor, sobretudo autodeclarada, que um jovem deve conseguir diploma superior, mas por seu esforço e capacidade. [...]

Em suma, parece que trabalhamos para facilitar as coisas aos jovens, em lugar de educá-los com e para o trabalho, zelo, esforço, busca de mérito, uso da própria capacidade e talento, já entre as crianças. O ensino nas últimas décadas aprimorou-se em fazer os

pequenos aprender brincando. Isso pode ser bom para os bem pequenos, mas já na escola elementar, em seus primeiros anos, é bom alertar, com afeto e alegria, para o fato de que a vida não é só brincadeira, que lazer e divertimento são necessários até à saúde, mas que a escola é também preparação para uma vida profissional futura, na qual haverá disciplina e limites - que aliás deveriam existir em casa, ainda que amorosos.

Muitos dirão que não estou sendo simpática. Não escrevo para ser agradável, mas para partilhar com meus leitores preocupações sobre este país com suas maravilhas e suas mazelas, num momento fundamental em que, em meio a greves, justas ou desatinadas, [...] se delinea com grande inteligência e precisão a possibilidade de serem punidos aqueles que não apenas prejudicaram monetariamente o país, mas corroeram sua moral, e a dignidade de milhões de brasileiros. Está sendo um momento de excelência que nos devolve ânimo e esperança.

(Fonte: Revista Veja, de 26.09.2012. Adaptado).

Assinale a classe de palavras correspondente a cada uma das palavras grifadas no trecho: A mediocridade reina, assustadora, implacável e persistentemente.

- a. adjetivo, advérbio, advérbio.
- b. advérbio, adjetivo, advérbio.
- c. advérbio, advérbio, adjetivo.
- d. adjetivo, adjetivo, adjetivo.
- e. advérbio, advérbio, advérbio.

GABARITO: 1) c, 2) d, 3) a, 4) d, 5) a, 6) a, 7) d, 8) c, 9) a, 10) b, 11) d, 12) b, 13) d, 14) c, 15) e,

